

ZERO

S E M A N A L

ANO VIII
Nº 5

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, 24 A 31 DE OUTUBRO DE 1990

Seguidores
de Chico
resistem



Querem
acabar com
a Capoeira

Mas temem
a morte, sempre
de tocaia
p3

Saiba quem
pretende
isto lendo a
p 7



Tribunal Chico Mendes

QUE SIMULADO DEBATE

SOBREVIVENTES

Carvão só trouxe poluição, doenças e miséria

Desvende o dramático quadro da região de Criciúma, na Central

Para ler

O 24º Congresso Nacional dos Jornalistas que inicia dia 31, quarta-feira (e se estende até 4 de novembro) já começa com uma "batata quente": a ameaça do governo "collorido" em implodir a vinculação dos registros profissionais ao Ministério do Trabalho. A questão é polêmica e divide a categoria, não só entre jornalistas-patrões e jornalistas-empregados como questiona outras categorias envolvidas. Por trás, porém, surge, outra vez, o espectro de um governo que só se preocupa com o topo da pirâmide social. Estas linhas servem de alerta para profissionais e aspirantes e um bom começo é o texto da contracapa. Leia e vamos discutir no Congresso, no Curso e onde for necessário. Conversar é preciso. Mais que nunca.

ZERO



**Melhor
Peça Gráfica
I, II e III Set
Universitário
Maio 88
Setembro 89
Setembro 90**

**Jornal-laboratório do
Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de
Santa Catarina**

Colaboração: Pedro Melo
Diagramação: Nilva Bianco, Vivian de Albuquerque
Edição e supervisão: Professor Ricardo Barreto (MTb 2708 RS)

Edição: Ivaldo Brasil Jr., Josiane Laps, Kátia Scarduelli, Nelson Lorenz, Pedro Saraiva, Rafael Maseli, Raquel D'Ávila.

Fotografia: Alessandra Meinicke, Cláudio Toldo, Christiane Balbys, Lauro Maeda, Pedro Melo, Raquel Eltermann, Vivian de Albuquerque

Laboratório fotográfico: Pedro Melo

Textos: Ana Cláudia Menezes, Christiane Balbys, Cristina Gallo, Fabiano Melato, Ivaldo Brasil Júnior, Jeanine Bellini, Luciana Carvalho, Márcia Dutra, Mariana Baima, Nilva Bianco, Pedro Saraiva, Rosane Porto, Simone Pereira, Sônia Bridi.

Acabamento e impressão: Imprefar

Redação: Campus Universitário s/nº, CCE-COM, Trindade, CEP 88045, Florianópolis, SC

Telefones: (0482) 31-9215, 31-9490

Telefax: (0482) 334069

**Distribuição gratuita
Circulação dirigida**

**Debate comedido não
evidenciou a chapa que
venceria a eleição**

Em Branco ganhou o C.A.

Mariana Baima

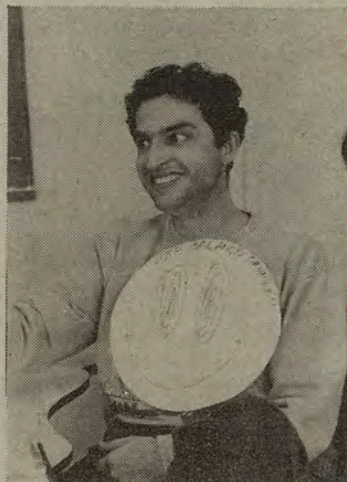
O debate ocorrido no último dia 18 entre as chapas que disputam o Centro Acadêmico do Jornalismo, conseguiu alcançar o recorde de audiência do ano: cerca de quinze pessoas se mantiveram na sala pelo tempo, também recorde, de quarenta minutos. Nem as assembleias para discussão do novo currículo conseguiram tal proeza.

O fato, de uma maneira ou de outra, significou um "certo interesse" por parte dos alunos de estarem informados sobre o novo destino do Centro Acadêmico. Mas com tanto recorde o debate acabou não alcançando seu principal objetivo: colocar em discussão as metas de cada chapa. As duas concorrentes apresentaram suas propostas, que apesar de aparentarem divergências, acabam convergindo no que diz respeito às prioridades do CA. A chapa "Em Branco" constituída por sete alunos, já definiu seus pontos prioritários: Semana cultural, promoção do 3º Set Interno, de festas, de um informativo quinzenal; de um noticiário de rádio interno também quinzenal e a participação em encontros estudantis e congressos. Seus rivais, a chapa "Balanço Bruxólico", com três veteranos no comando, apresentou como propostas primeiro ouvir "as massas", mudar o nome do CA e sindicalizar os alunos.

Durante a discussão foram levantadas questões importantes como a posição de cada chapa em relação ao Zero à Rádio Livre 107 a participação do CA nas eleições no Diretório Central dos Estudantes; a ameaça de extinção do registro de jornalista proposta pelo Ministro do Trabalho, a "privatização" ou não da sala



Jaques recebeu mais ataques de Gustavo (de óculos)



Ivaldo estava confiante

ocupada pelo CA, a arrecadação de fundos para a entidade. As respostas das chapas foram parecidas para todas questões: nada de concreto, apenas a promessa de que tudo será feito da melhor maneira possível. Os representantes da "Balanço Bruxólico" e "Em Branco" têm um mes-

mo objetivo: o melhor para os alunos. Eles estão somente traçando caminhos diferentes e não se deram conta disso. Está tudo na santa paz! A questão mais polêmica do debate ficou por conta da mudança de nome do Centro Acadêmico. Adelmo Genro Filho ou Raimundo Caruso? Eis a questão. De resto, quem foi para ver conflito ou divergência ficou a ver navios.

O resultado — Apesar de sua denominação, a chapa Em Branco venceu as eleições para o Centro Acadêmico do Curso de Jornalismo totalizando 45 votos contra os 36 da chapa rival, Balanço Bruxólico. Dos 103 votos totalizados, quatro foram em branco e 18 foram considerados nulos. A chapa vencedora tem Ricardo Jaques na liderança e um staff formado por Jeanine Bellini, Viviane Sommer, Cristiano Prim, Suzana Naspolini, Jeferson e Maria Paula. Os eleitores esperam agora que sua gestão não passe "em branco".

Horário de verão dura 120 dias

Fabiano Melato

A partir da meia-noite do último sábado, dia 20, o horário de verão voltou a vigorar no Brasil, estendendo-se até 17 de fevereiro. Com exceção dos estados do Norte e Nordeste (menos Bahia), todos os outros estados tiveram de adiantar em uma hora os seus relógios. Ano passado, o horário de verão envolveu 22 estados e proporcionou uma economia de 225 milhões de quilowatts, ou 1,2%, equivalente ao consumo de uma cidade como Brasília durante quatro meses. A nível resi-

dencial, trata-se de uma economia disfarçada, pois é tão sutil que não chega a causar diferença na conta de luz no final do mês.

Criado pelo cientista e político norte-americano Benjamin Franklin em 1784, quando residia em Paris, o horário de verão visa alongar o período solar do dia, representando economia de energia elétrica. Ele foi implantado no país em 1931, no governo de Getúlio Vargas, tendo vigorado, de forma aleatória, mais 14 vezes. Foi recuperado em 1985 e passou a ser contínuo.

Astrônomos afirmam que pa-

ra se atingir uma economia real, o horário deveria ter entrado em vigor já no início do mês e se estender até fim de março. Mas por enquanto vão ser 120 dias mais longos, onde todos os horários — de serviços públicos a vôos internacionais — continuarão os mesmos; se um estabelecimento abria suas portas às 8 horas, ele continuará abrindo a essa hora. E em 17 de fevereiro, quando os relógios deverão ser atrasados em uma hora, os universitários poderão também aprontar seu material escolar: o horário de verão termina um dia antes do início do semestre letivo da UFSC.

Tucanos decidem domingo fusão com PDT

Ana Cláudia Menezes

Santa Catarina pode assistir brevemente à formação de um novo partido político, caso se confirme a união entre o PSDB e o PDT, originando, inclusive, uma nova sigla. O convite, feito pelo PDT na semana passada através da imprensa, vai ser discutido na reunião da executiva estadual do PSDB, que será realizada no dia 27 com a participação das lideranças tucanas no estado como os deputados federais Francisco Küster e Vilson Souza e o senador Dirceu Carneiro.

Para a vereadora Clair Castilhos, favorável à coligação, isto pode dar ao PSDB um perfil "mais de esquerda", o que faltou, segundo ela, desde a sua fundação, durante os trabalhos da Assembleia Constituinte em 1988. "O PSDB é um partido que nasceu dentro do Congresso Nacional, com as grandes estrelas, depois do racha que houve com o PMDB", admite. O outro segmento que não aderiu aos tucanos, formou o Centrão, frente política constituída por senadores e deputados conservadores que tentaram barrar conquistas importantes para os trabalhadores na Constituinte.

Avaliando o resultado das eleições, Clair Castilhos acha que o PSDB era um partido pequeno e o novo "demais" para bancar uma candidatura majoritária. "Nós nunca poderíamos ter saído sozinhos", diz ela, referindo-se à não adesão à Frente Popular, que lançou Nelson Wedekin ao governo. Em outros estados, o partido também amargou a derrota nas urnas, mesmo em São Paulo, Minas Gerais e Paraná, onde o PSDB tinha condições de chegar ao segundo turno. "Isto é uma consequência do bipartidarismo", avalia a vereadora, que segmentou "demais" e dividiu o eleitorado entre esquerda e direita.

O PSDB quer dar continuidade ao que já vem sendo desenvolvido na Câmara Municipal de Florianópolis, onde os vereadores do PDT, PC do B, PV e PT formam uma bancada de oposição aos políticos conservadores. "Vamos partir do zero e começar a crescer, formando bancadas fortes", avalia Clair.

Julgamento simulado na
UFSC condena os
assassinos de sindicalista

A revanche de Chico Mendes

Nilva Bianco

Os assassinos de Chico Mendes foram sumariamente condenados. Ao menos foi o que aconteceu no Tribunal Chico Mendes, uma simulação do julgamento real, previsto para o dia 12 de dezembro em Rio Branco. A sessão aconteceu na quarta, dia 18 e foi promovida pelo Movimento Estudantil e Centro Acadêmico XI de Fevereiro, do curso de Direito da UFSC. Várias entidades apoiaram, entre elas a OAB e a Fenaj.

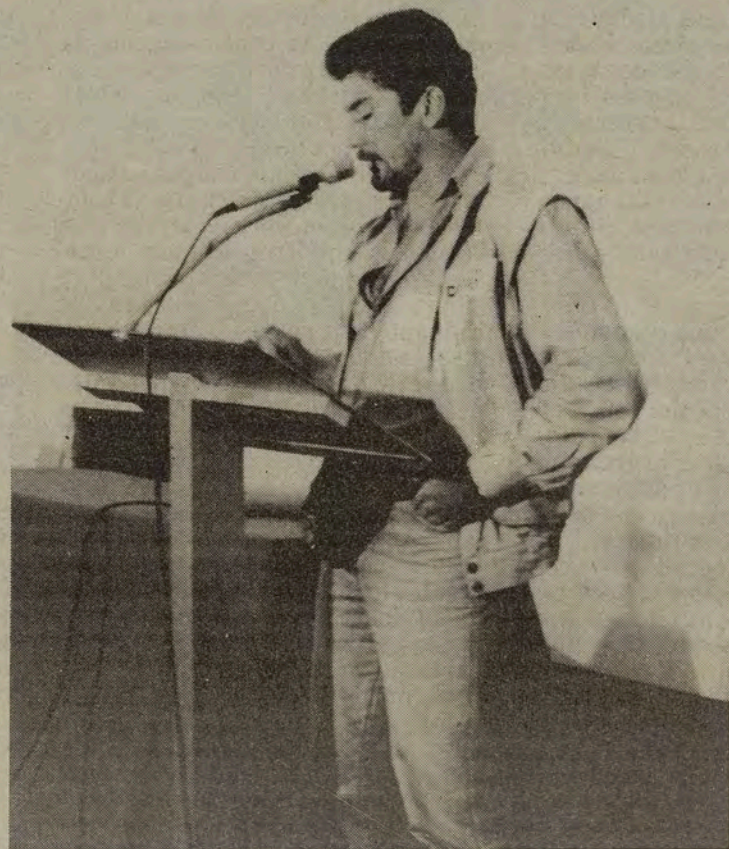
Ao criar o Tribunal Chico Mendes, os estudantes de Direito abriram espaço para debates sobre temas como direitos humanos, reforma agrária, ecologia. Além disso, lembraram que o caso de Chico ainda não está resolvido e divulgaram a causa dos seringueiros.

Chico Mendes foi assassinado no dia 22 de dezembro de 1988 em Xapuri, no Acre. Sua militância junto aos seringueiros e povos da floresta incomodou os grandes fazendeiros que tinham interesse em explorar a área. Sindicalista, lutou por uma forma menos selvagem de exploração da floresta amazônica, através da criação de uma reserva extrativista para uso dos seringueiros, que cuidariam de sua preservação. No dia 22, às 19 horas, Chico abriu a porta da sua casa. Carregava uma toalha no ombro e uma lanterna na mão. Ia tomar banho, mas não conseguiu ir além da porta. A cerca de 16 metros dali, escondido atrás de um coqueiro, Darci Alves da Silva apontou a espingarda calibre 20, atirou e fugiu. Chico Mendes caiu, com mais de 40 perfurações pelo corpo.

Às 9h30min do dia 18, o herói caiu com estrondo sobre o tablado do auditório da reitoria, interpretado por um aluno de Artes Cênicas da Udesc. A floresta silenciosa e os amigos que zelavam por sua vida choraram entre cantos de pássaros emitidos por um gravador. O auditório está cheio, ocupado por estudantes e câmeras.

Operação caracol

Mas entre as simulações da morte e do julgamento, houve o depoimento real e emocionado de Gumerindo Rodrigues, companheiro de Chico Mendes e atual presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de



Gumerindo: "a gente precisa continuar vivo"

Xapuri. Moreno, traços indígenas, Gumerindo fala de Chico. Fala de sua luta pela preservação dos seringueiros, da perseguição sofrida por parte de gente como Darli Alves da Silva e seus filhos, Darci e Oloci. Família de matadores fugidos do Paraná e Minas Gerais, que se estabeleceram no Acre, onde esbarraram na organização dos seringueiros, liderados pelo sindicalista.

Gumerindo fala da "operação caracol", executada pela família Alves e seu bando de matadores — mais de 30 — para aterrorizar os seringueiros. Aos poucos, um a um, foram assassinados vários, até chegar a vez de Chico, o mais importante. Ele sabia que estava jurado de morte e que os matadores de Darli estavam se reunindo para decidir quando e como seria o crime. Numa tentativa de conseguir justiça, foi até Umuarama, no Paraná, e conseguiu o mandado de prisão que há anos havia sido expedido contra Darli Alves da Silva.

Denúncia

Voltando ao Acre, Chico foi diretamente ao então Superin-

tendente da Polícia Federal de Xapuri, Mauro Spósito — atual chefe de gabinete de Romeu Tuma. Apresentou carta precatória, exigindo providências. Nada foi feito e dois meses antes de sua morte, Chico mandou uma carta ao juiz de Xapuri, Adair José Loguini, denunciando a situação e dando o nome de todos os que planejavam seu assassinato. Responsabilizou o magistrado pelo que pudesse

Mais um seringueiro ameaçado

O seringueiro e líder sindical Manoel Pereira da Silva está escondido. Desde a última semana, conforme noticiou a imprensa nacional no sábado, dia 20, ele fugiu de Rio Branco, capital do Acre, para escapar da "morte anunciada" por fazendeiros e madeireiros da região da Reserva Extrativista Cachoeira.

O Conselho Nacional de Seringueiros aconselhou Manoel Pereira da Silva a se esconder e o Comitê Chico Mendes denunciou que os fazendeiros encomendaram sua morte a pistoleiros de aluguel.

Manoel Pereira da Silva é diretor do Sindicato dos Seringueiros, Pequenos Agricultores e Assalariados Rurais de Rio Branco (Sinpasa) e animador das Comunidades Eclesiais de Base. Segundo o Comitê, a "morte anunciada" do seringueiro está associada ao fato dele ter impedido que dois mil hectares de florestas da fazenda Paloma, situada ao lado da Reserva Cachoeira, fosse queimado. O comitê denuncia ainda que há pistoleiros e madeireiros dentro da reserva ameaçando os seringueiros.

vir a acontecer. Mais uma vez, nada foi feito. Gumerindo Rodrigues, em seu depoimento, questiona a atitude da polícia e de pessoas como João Branco, ex-presidente da UDR no Acre. Branco é sócio do jornal Rio Branco, que dias antes da morte de Chico Mendes noticiou que uma "bomba" estava para explodir, trazendo consequências nacionais e internacionais.

Gumerindo também leu trechos do depoimento de Darci Alves da Silva, que cinco dias após o assassinato entregou-se à polícia. Mais tarde, Darli Alves da Silva e Jandir, matador que morava com a família Alves, entregaram-se, mas não confessaram sua participação. Foi Darci que confirmou a culpa do pai, afirmando que não fazia nada sem sua ordem e que este havia dito ao ordenar o crime. "Você tem que merecer os dois metros de pano que usa".

Entre os seringueiros, não existe nenhuma dúvida de que Darci tenha sido o executor do assassinato. Durante o trabalho de reconstituição, ele mostrou conhecer cada detalhe de terreno que cerca a casa de Chico Mendes e da cena do crime. Suspeita-se que naquele momento Jardeir o acompanhasse. Por mais de um mês, antes do crime, eles revearam-se na toca da casa. Gumerindo questiona: por que depois de estar foragido há cinco dias, Darci entregou-se à polícia? A única resposta, segundo ele, é a de que Darci estava protegendo pessoas mais importantes envolvidas no caso. No final de sua exposição, Gumerindo Rodrigues grita emocionado, pedindo ajuda: "A gente quer ficar

vivo, a gente precisa continuar vivo!"

O tribunal

O julgamento simulado só aconteceu à tarde, das 14 até às 18 horas. Como juiz, estava Jacinto Nelson de Miranda Coutinho, Procurador do esado do Paraná. Ele apoiou a iniciativa dos estudantes de Direito da UFSC, afirmando: "É necessário que a Justiça se afaste dos textos e se aproxime do povo". A acusação foi feita por Luiz Bueno de Aguiar, de São Paulo, e Luís Carlos Fritzen, de Florianópolis. O trabalho dos promotores foi baseado nas provas contra Darci e na sua própria confissão. Já o trabalho de defesa, o mais difícil dada a clareza dos fatos, foi desempenhado pelo advogado José Soar "Jaraguá", de Florianópolis. Numa excelente atuação, repleta de bom humor, o advogado argumentou que as provas eram insuficientes e protestou contra o abuso de se condenar três pessoas, quando apenas uma havia confessado o crime e tinha alguma evidência contra si.

Depois da teatralização feita pelos advogados, foi a vez dos jurados votarem. Um a um, os representantes da OAB, Sindicato dos Jornalistas, Movimento Ecológico, Movimento dos Estudantes de Direito, Movimento dos Sem-terra, UFSC, Seminário sobre Universidade e Meio Ambiente e Pastoral da Terra votaram nominalmente e justificaram o voto. Se dependesse deles, os acusados já estariam na prisão, cumprindo de 12 a 30 anos.

Para os iniciados em Direito, o Tribunal Chico Mendes serviu também como um importante espaço de questionamento do Sistema Judiciário no Brasil. Jacinto Coutinho levantou ainda outra questão, baseada na brilhante defesa feita por Jaraguá: a da relatividade da verdade. E alertou para o fato de que no julgamento oficial, os jurados serão outros, com outros interesses.

Na verdade, denuncia Gumerindo Rodrigues, apesar da morte de Chico Mendes, pouca coisa mudou no remoto e abandonado Norte (veja texto ao lado). O sindicalista afirma que é muito provável que ele e vários de seus amigos não cheguem vivos até o final do ano. "Mas, se nos pegarem, vai ser dentro da luta".

A região carbonífera do Sul do Estado retrata a exploração. Das esperanças de 50 anos atrás só restou

Desolação, poluição e miséria

Sônia Bridi

A descoberta de uma grande reserva de carvão mineral no subsolo de Criciúma, há 50 anos, veio acompanhado de uma euforia coletiva. O "ouro negro" enriquecia a região, aumentaria a oferta de trabalho, deixaria os pobres ricos e os ricos milionários. Meio século depois, a oferta de empregos chega a 40 mil e os ricos estão incrivelmente mais ricos. Os pobres estão miseráveis e a maior consequência da extração de carvão, que não estava nos cálculos dos pioneiros, é uma poluição assustadora que faz milhares de vítimas todos os anos.

A região carbonífera atinge hoje 20 municípios, o que corresponde a 10% do território do Estado. É um negócio que só em 89 pagou 3,5 milhões de cruzeiros em impostos. O Sindicato dos Mineradores não divulga o faturamento global das empresas, que têm mais de 100 minas. Mas em todos os municípios, "distribuição de renda" não é uma expressão conhecida.

O carvão catarinense é de péssima qualidade. De tudo o que é extraído, apenas 30% é transformado em carvão pré-lavado, usado nas usinas termoeletricas Jorge Lacerda I, II e III, da Eletrosul, com sede em Tubarão e para a siderúrgica de Volta Redonda no Rio de Janeiro. Os outros 70% são rejeitos piritosos (rochas com alta concentração de enxofre), que são depositados a céu aberto. Na região, são 400 hectares de terra cobertos com rejeitos, que em contato com o sol queimam, liberando gás de enxofre. Esses gases sofrem uma transformação na at-

mosfera e voltam em chuvas de ácido sulfúrico. As consequências da chuva ácida são doenças de pele, corrosão de prédios e casas e a morte das poucas florestas nativas que ainda existem na região.

Mais grave ainda é a poluição do ar, que os metais precipita. O complexo de usinas Jorge Lacerda e as coqueiras (que transformam o carvão em coque, matéria-prima para siderurgia) jogam na atmosfera 200 mil toneladas de gases, cinzas e metais pesados por ano. A falta de cuidado com o isolamento dos depósitos de rejeitos e a inexistência de lagoas de decantação para a água usada na lavagem do carvão, contaminam todos os rios da área. A cidade de Criciúma, a principal do sul do estado, com 250 mil habitantes, está na eminência de um colapso no sistema de abastecimento de água. A população dobrou nos últimos 10 anos e não existem alternativas para a captação de água.

No meio rural a situação é ainda

mais grave. A mineração no subsolo provoca uma reacomodação no lençol freático. A água escorre para dentro das minas e de lá é bombeado para fora. Pelo menos 2 mil poços artesianos em propriedades rurais secaram deixando os agricultores na dependência dos caminhões-pipa da prefeitura de Criciúma. Os que utilizam a água para o arroz irrigado, viram a produtividade cair em 40% nos últimos 15 anos.

Deserto Negro

O município de Siderópolis, a 10 quilômetros de Criciúma, é uma ilha no meio da devastação. A cidade está em cima de um depósito de pirita. Nesse município a mineração é feita a céu aberto pela Companhia Siderúrgica Nacional - CSN. Houve festa em Siderópolis há 25 anos para comemorar a chegada da dragline Marion, uma máquina de fabricação americana com capacidade para fazer sozinha o trabalho de 200 tratores. Na época, os jornais estamparam o fantástico poder da draga:

Fotos: Claudio Toledo Zero

gasta a energia equivalente ao consumo de uma cidade com 20 mil habitantes; consegue cavar at 50 metros de profundidade (o equivalente a um prédio com 15 andares); e retira 50 toneladas de terra a cada vez que desce a caçamba, onde cabem 3 fuscas. O que não se imaginava era que hoje um vereador precisasse recorrer à justiça para abrigar a CSN a manter a draga no município.

O presidente da Câmara Municipal de Siderópolis, Ademir Motta, está com uma ação na justiça para garantir o cumprimento do Artigo 255, parágrafo segundo, da Constituição Federal, segundo o qual as empresas mineradoras devem recuperar o local explorando com a terraplanagem do terreno. A Marion é a responsável pela formação da "paisagem lunar": seis mil hectares de terra onde não resistem nem microorganismos. Na paisagem lunar, os buracos de onde foi extraído o carvão formam lagos vermelhos com até 50 metros de profundidade e os montes de rejeitos chegam a 35 metros de altura. O deserto se forma porque a mineração a céu aberto inverte as camadas do solo: a terra fica por baixo, e na superfície ficam rochas com alto teor de enxofre. A única planta que se adapta à recomposição da paisagem é o eucalipto, capaz de suportar solos muito ácidos.

"É dever de governo federal deixar a máquina em nosso município por mais dois anos", reivindica o prefeito de Siderópolis, José Antônio Périco. "O custo de recuperação



Mina a céu aberto da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Siderópolis. Na paisagem lunar, apenas o eucalipto sobrevive ao solo ácido



Depois do trabalho da dragline Marion, sobra apenas o desolado lago negro



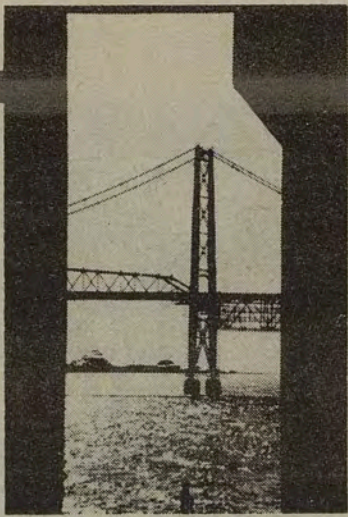
A Marion faz o trabalho de 200 tratores e causa um estrago proporcional

das áreas mineradoras é de 500 vezes o valor da terra nua", informa Vladimir Ortiz, superintendente da Fatma (Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente). Esse número explica a resistência da CSN em recuperar a área.

A transferência da Marion para o Rio Grande do Sul é o exemplo mais claro da política de exploração do carvão no sul do estado. O fim das atividades da estatal deixam um município devastado, sem possibilidade de trabalho agrícola e com 60% da população sem emprego. "Passei minha infância andando de bicicleta por aí, buscando bergamota nas colônias", diz, desanimado, o jornalista Ricardo Fabris, 27, que conclui: "agora não há mais colônias e os agricultores estão nas favelas com subempregos ou debaixo das minas".

Síndromes do carvão - Anencefalia é um tabu para os médicos de Criciúma. Estatísticas extra-oficiais dão conta do nascimento de 30 crianças sem cérebro no município em 88. Mas ninguém comenta o assunto. Os médicos convencem os pais que a anomalia foi causada por problemas genéticos. "Os pais se sentem culpados e fazem de tudo para abafar o assunto", explica o secretário da saúde Walmor de Lucca, que é de Criciúma. Ao assumir o cargo, ele anunciou que a notificação compulsória à saúde pública dos nascimentos de crianças anormais seria uma de suas primeiras ações. Já passou um ano e a anencefalia continua desconhecida pela população.

CICERONE



Pietro Melo Zero

PARABÓLICA

Eventos internacionais movimentam a primavera em Florianópolis

Congresso — XI Congresso Brasileiro de Relações Públicas e XIX Congresso Interamericano de Relações Públicas. O evento se realiza de quarta até sábado no Hotel Castellar com presença de conferencistas nacionais e estrangeiros. Destaque para as conferências "Imprensa: O Compromisso com o Consumidor" com o ombudsman do jornal "Folha de São Paulo", Caio Túlio Costa às 14 horas do dia 25; e "A Classe Política e o Respeito à Opinião Pública" com o jornalista global Alexandre Garcia, às 9h30min do dia 27. A solenidade de encerramento será às 12h35min no auditório principal do Castellar, e às 21h30min acontece a festa "Destaque do Congresso". Centro de Convenções do Hotel Castellar, Rua Felipe Schmidt, 200, fone:22-3228.

1ª Semana das Nações — O evento que abriu na segunda-feira prossegue com apresentação de vídeos, danças, canções e palestras sobre os 12 países envolvidos. Durante a manhã de quinta-feira haverá apresentações sobre Suriname, Trinidad e Tobago, Guiana e Barbados. À tarde, continuam as apresentações sobre estes países e mais Panamá, Haiti e China. Na sexta-feira continuam as exposições sobre Moçambique, Angola e Costa do Marfim durante a manhã, e à tarde é a vez da Guiné-Bissau e do Senegal. O encerramento será às 18 horas da sexta-feira e o "I Baile das Nações" será às 23 horas na Boate Dizzy. A "1ª Semana das Nações" se realiza no Auditório da Reitoria da UFSC.

RÁDIO

Fique ligado: rádios transmitem programas e sons alternativos

Rádio — "Rádio 107" — Rádio pirata que transmite a partir das 10 horas da manhã e não tem horário fixo para encerramento. Todos os estilos musicais. Pode ser sintonizada nos bairros Trindade, Saco dos Limões, Pantanal, Corrego Grande, Agrônoma, Serrinha, Carvoeira e imediações da Beira-Mar e Itacorubi. 107MHz.

"Verde Ambiente" — Programa sobre ecologia apresentado por Fernando Boeira. Todas as segundas, quartas e sextas às 18h40min. Rádio União FM, 96.1MHz.

"Frequência Urbana" — Toda segunda-feira às 22 horas, no rádio União FM. Programa humorístico-musical apresentado por uma equipe muito louca que parodia programas radiofônicos e televisivos no estilo besteiro. Rádio União FM, 96.1MHz.

"Sincronia Total" — Sob o comando de Pena e Zeca, o programa é sobre rock e afins. De terça-feira a domingo, às 22 horas. Rádio União FM, 96.1MHz.

ARTE

Nu artístico dá o tom de curso nas oficinas de artes do CIC

Curso — "Oficina de Modelo Vivo". Orientação de Fernando Lindote, inscrição na secretaria das Oficinas de Arte do CIC em horário comercial. O curso custa 15 BTN's por mês e inicia com um mínimo de dez frequentadores. O horário será das 19 às 21 horas todas as terças-feiras. CIC, Av. Beira-Mar, 5.000, fone: 34-2166, ramal 147.

BARBADA

Liquidação — Livraria da FEESC, do Centro de Convivência, está dando descontos de 50%. A promoção vai até dia 9 de novembro. Aberta das 8 até às 18 horas. Fone: 34-0746.

CINEMA

Cult movies superlotam cinema do CIC e são a melhor opção na cidade

Cinema — "Celeste" (Percy Adlon, 1981, 1h45min). Filme alemão do mesmo diretor de "Bagdá Café", sobre o relacionamento entre o escritor francês Marcel Proust e sua governanta Celeste Albaret. Filme baseado no livro "Monsieur Proust", onde Celeste testemunha seus nove anos servindo o escritor. Cópia 16mm, cores, legendado, ingressos a 100 cruzeiros. Dias 24, 25 e 26 (19h30min) e dia 28 (17h30min). CIC, Av. Beira-Mar, 5.000, fone 33-2166.

"O Cozinheiro, o Ladrão, sua Mulher e o Amante" (Peter Greenaway, 1989, 2 horas). Construído em um prólogo e três atos, o filme desenvolve-se num período de dez dias sob o simbolismo das cores e baseado no número sete. Do mesmo diretor de "Afogando em Números" e "A Bariga do Arquiteto". Até dia 26 às 21h30min, dias 27 e 28 às 19h30min. CIC.

"Bagdad Café" (Percy Adlon, 1987, 1h30min). Gorda burguesa alemã ao ser abandonada pelo marido no deserto de Mojave acaba encontrando um café de beira de estrada. Comédia "cult" alemã de grande sucesso mundial. A partir de dia 27 às 21h30min. CIC.

Autor critica o medo das pessoas, o conservadorismo e os analistas burgueses

Freire divulga a Somaterapia em SC no evento de Capoeira

Simone Pereira

"Nós anarquistas sempre lutamos pelo voto em braco e nulo. Felizmente o povo tomou consciência de que não deve escolher o menos pior. Está na hora de escolhermos o melhor", afirma o escritor e psicanalista Roberto Freire. Ele veio a Florianópolis participar de mesa redonda que abriu a programação do 3º Batismo Palmares do Sul. Freire defende que a evolução do ser humano não vem do sofrimento e sim do aprendizado. Por isso, seus livros sempre pregaram "um amor sem posse, sem uso e sem abuso".

Para ele, a esquerda e a direita têm o mesmo autoritarismo, enquanto a mídia executa um trabalho de alienação do povo, pregando uma falsa liberdade que compromete a democracia. Seu trabalho tem base na visão de um mun-

do sem partido — um socialismo libertador — contra qualquer instituição ou poder. Freire conta que abandonou a psicanálise por ser uma terapia conservadora que visa adaptar o indivíduo ao sistema. "Os analistas são burgueses, querem ser e fazer os outros" contesta.

Fundador da Somaterapia, uma anti-terapia, que surgiu na década de 60 para enfrentar o sistema neurótico implantado com a ditadura, afirma que sua proposta nasceu para militantes revolucionários, já que a existente era burguesa. Foi preciso criar algo de novo que incorporasse nas pessoas o seu potencial criativo e que dissolvesse a couraça desnecessária. Uma psicologia de homem livre, nascida de uma forma clandestina e à margem do sistema.

A somaterapia usa vários métodos técnicos-corporais e é abertamente política. O objetivo dessa terapia é levar a pessoa a não aceitar nenhuma forma de sujeição, ser o que ela realmente é e lutar pelo que acredita. Por isso tem a capoeira como uma grande aliada da somaterapia, por ser uma das poucas armas culturais que se tem no Brasil. Dentro dessa visão terapêutica que visa colocar para fora as neuroses incorporadas do sistema, existe o princípio de que é necessário libertar o todo (não apenas a mente) através do uso dos sentidos contra a loucura.

Livros como "Sem Tesão Não Há Solução" e "Ame e Dê Vexame", fazem desse revolucionário uma figura nacionalmente conhecida e de grande prestígio. Sua carreira de escritor começou quando escreveu a peça de teatro "Quarto de Empregada", em 1959. Mas, somente em 1964, publicou seu primeiro romance, "Cleo e Daniel". Suas obras pregam que viver é amar e para amar é preciso revolucionar. O amor não é sacrifício, o amor é prazer. A liberdade é a chave de todo o trabalho do terapeuta que vê na mentalidade burguesa sua maior adversária. Ele diz estar constataando, através de suas pesquisas, que as pessoas preferem ser dominadas pelo medo de arriscar.

Freire escreveu há algum tempo o livro "Soma 1, a Alma e o Corpo", que trata da fundamentação de sua terapia e que em março pretende lançar o livro "Soma 2, A Arma é o Corpo — Soma e Capoeira", que irá abordar toda a relação da soma com a capoeira. A somaterapia foi implantada em Santa Catarina há aproximadamente seis meses.



Freire (de branco) antes de sua palestra

MEMÓRIA

USP reedita clássicos do jornalismo

A Universidade de São Paulo está realizando um resgate de reflexões sobre a atividade jornalística no Brasil. O trabalho, "arqueológico", chama-se "Clássicos do Jornalismo Brasileiro" e já reeditou livros de Barbosa Lima Sobrinho, Carlos Lacerda, Rui Barbosa, Alceu Amoroso Lima, todos fora de circulação há décadas.

A reedição está sendo coordenada por José Marques de Melo, diretor da Escola de Comunicação e Artes da USP. Os volumes estão sendo publicados pelas editoras Edusp e ComArte, ligadas à universidade. Ideologicamente, os autores vão da direita (Carlos

Lacerda) à esquerda cristã (Alceu Amoroso Lima).

Independente da posição política dos autores e do tom gradiloquente dos textos, "Clássicos do Jornalismo Brasileiro" é fundamental para quem quer entender os caminhos da imprensa tupiniquim neste século.

Alceu Amoroso Lima foi o primeiro dos autores reeditados a preocupar-se com questões técnicas do trabalho jornalístico. O próximo volume a ser editado, de Danton Jobim, aprofunda essa tema e é de grande importância prática para os novos jornalistas pela atualidade dos assuntos tratados.

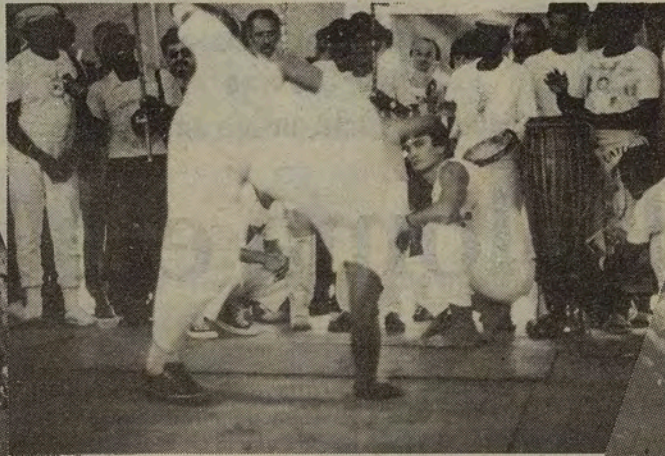
Os livros da coleção podem ser comprados com 30% de desconto nas livrarias do campus da USP. Pedidos pelo correio podem ser enviados à ComArte/Edusp — Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 137, 6º andar, Cidade Universitária, São Paulo, SP, CEP 05508.

A Imprensa e o Dever da Verdade, de Rui Barbosa. 88 páginas. Tiragem de 460 exemplares. Cr\$ 720,00.

A Missão da Imprensa, de Carlos Lacerda. 88 páginas. Tiragem de 1,2 mil exemplares. Cr\$ 800,00.

O Jornalismo como Gênero Literário, de Alceu Amoroso Lima. 81 páginas. Tiragem de 1,2 mil exemplares. Cr\$ 800,00.

"Sem amor,
sem prazer,
não há luta. Tem..."



...que saber como lutar.

**A arte do povo livre
pode virar produto
da indústria cultural**

...A Capoeira é a
arma do corpo e
da mente livres"



Capoeira: à beira da dominação

Luciana Carvalho

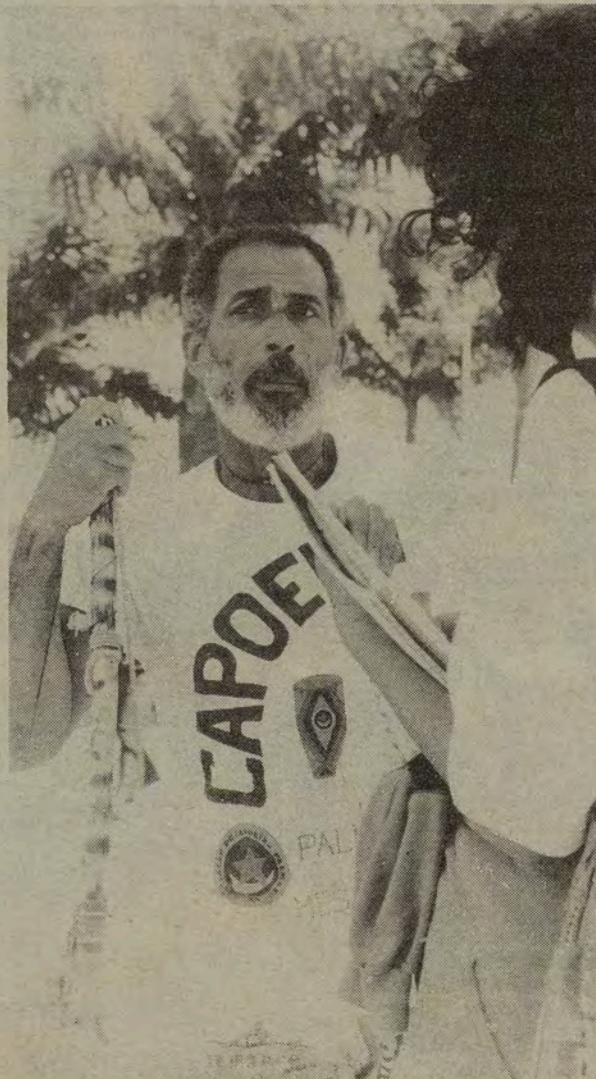
"Hoje a capoeira é uma indústria", estas são as palavras do mestre João Pequeno que participou do 3º Batismo de Capoeira Palmares Sul, realizado entre 17 e 20 de outubro. O evento foi organizado pela Associação Cultural de Capoeira Ajagunã Palmares Sul com o objetivo de divulgar a cultura Afro, principalmente a capoeira, e promover a confraternização de seus praticantes.

Além das oficinas de capoeira e do "batismo" propriamente dito, o evento teve também duas mesas redondas, onde foram discutidos diversos assuntos relacionados ao tema. A primeira mesa redonda foi realizada no dia 18 e teve a participação do escritor Roberto Freire, da mãe-de-santo Iya Sumabé e dos mestres Bobó e Nô.

O Mestre Nô, fundador do Grupo Palmares, do qual participa a Associação Palmares Sul, falou sobre a internacionalização da dança-luta, afirmando que muitos mestres estão indo para outros países, onde há um grande interesse pela capoeira. Segundo Mestre Nô a capoeira no Brasil "é muito marginalizada e não se pode sobreviver somente de suas aulas". Ele afirma que isto não quer dizer que no exterior os mestres fiquem ricos, ao contrário, o que ocorre é que há um grande interesse em aprender a capoeira e cada vez mais mestres e professores são requisitados para isso. Alguns são manipulados, como o Mestre Bobó, que foi para o exterior, gravou um disco e não ganhou nenhum direito sobre as vendas. Para o Mestre Bobó, que falou sobre sua experiência como capoeirista, a capoeira pode ser internacionalizada, difundida como uma parte da cultura brasileira, "mas se a gente facilitar eles vão tomar da mão da gente".

Um outro assunto muito discutido foi a transição da capoeira de cultura para esporte. Para o mestre Nô os professores de Educação Física querem tornar a capoeira um esporte, exigindo que os mestres tenham diploma universitário e criando competições que proíbem alguns movimentos, limitando a liberdade do capoeirista. Para ele isto é um retrocesso pois a capoeira surgiu como uma manifestação contra a escravidão e agora está sendo escravizada. Ele diz que a capoeira pode ser um esporte, mas deve-se respeitar o fato dela ser um movimento popular.

Como o Mestre Nô, Iya Sumabé, que também participou da mesa, entende a capoeira como cultura e esporte ao mesmo tempo. Iya afirma que a capoeira "é cultura, é graça, é beleza, é poesia" mas também a considera um esporte, sendo inclusive uma juíza de capoeira. Ela falou também sobre a relação da mulher e da religião com a capoeira. Conforme Iya, a mulher encontra muitas barreiras na capoeira não só por parte dos capoeiristas, como dos maridos e das próprias mulheres que marginalizam as mais idosas. Ela ressaltou também o número, muito superior ao do Brasil, de mulheres que estão jogando capoeira em outros países. Sobre a religião ela



Nô é um mestre que luta pela liberdade

expôs a proximidade que há entre as religiões herdadas da cultura africana e a capoeira, já que ambas fizeram parte da vida dos escravos negros.

Paixão pela liberdade - E é justamente na relação do escravo com a capoeira que se fundamenta a teoria de Roberto Freire sobre a utilização da capoeira na somaterapia. Freire esclareceu que o uso da capoeira na terapia tem a função de libertar o corpo do homem,

como os escravos usavam o seu corpo para lutar pela liberdade. Para Freire "as pessoas se apaixonam pela capoeira porque se apaixonam pela liberdade". Ele acrescenta que "neste momento da vida brasileira é possível a libertação do povo se eles transformarem o corpo numa arma, porque um povo pobre, sem amor, sem prazer não pode lutar. Tem de saber como lutar, então a capoeira pra mim é uma arma popular, uma arma do povo que nasceu para a libertação e tem de estar ligada à libertação popular. A nossa grande esperança é o nosso corpo livre". Na segunda mesa redonda, que ocorreu dia 19, os participantes foram o prof. Dr. Eleonor Kunz, o prof. Luiz Canabarro e os mestres João Pequeno, Ferreirinha e Curió. Novamente retomou-se a industrialização da capoeira e Eleonor Kunz frisou que a capoeira faz parte de uma cultura popular "que luta para não ser massacrada pela cultura burguesa". Para ele quando "não se consegue acabar com a cultura popular procura-se domesticá-la e é o que está acontecendo com a capoeira".

Já o professor Luiz Canabarro afirma que para que se preserve a capoeira é preciso preservar o mito. Sozinha ela é somente um jogo e para o mestre João Pequeno, que falou sobre a capoeira no passado e atualmente "ela é uma coisa que nós não podemos dividir porque a capoeira é uma coisa que tá na nossa vida, no nosso corpo".

Dois outros mestres também comentaram as mudanças que aconteceram na capoeira. O mestre Ferreirinha falou sobre a perda da cultura que envolvia a capoeira e mestre Curió falou sobre a mudança na música. Ele afirma que agora as pessoas somente tocam os instrumentos, não "sentem mais" o ritmo.

O outro assunto do debate foi o surgimento da capoeira. Foram feitas várias pesquisas para saber a sua origem mas não se chegou a nenhuma conclusão. Alguns acham que a capoeira foi trazida pelos africanos e outros acham que ela foi gerada no Brasil pelos povos escravizados. Mestre Nô, por exemplo, defende a tese de que a capoeira surgiu na serra da Barriga, no Quilombo dos Palmares.

No sábado, 20, aconteceu o "batismo" onde o capoeirista, que já atingiu um certo nível de aprendizado, joga com um mestre que não é o seu e é derrubado. Antes de acontecer o batizado, o público, que lotou a barraca de lona instalada no Aterro da Baía Sul, assistiu o Boide-Mamão, o Cacumbi, a Puxada de Rede e duas apresentações de dança afro. Logo depois veio a Roda de Mestres onde eles, além de suas habilidades, mostraram toda a sua manha, adquirida em uma vida dedicada à capoeira. Depois aconteceu a apresentação do Grupo Menores do Samba, o batismo e a Troca de Cordéis. Foram batizadas 40 pessoas e a Associação considerou o evento um sucesso porque circularam no batismo, durante todo o dia, cerca de duas mil pessoas.

Projeto de lei elaborado
pelo governo
ressuscita uma antiga ameaça

O fim do diploma em jornalismo

Pedro Saraiva

Na mesa de um desconhecido secretário da Comissão de Desregulamentação, Carlos Garcia, está um projeto de lei que traz novamente à discussão uma conhecida polêmica: a exigência ou não de diploma para jornalistas. Fazendo parte das medidas de desburocratização estudadas pelo governo Collor, o projeto determina que o Ministério do Trabalho deixe de se responsabilizar pela concessão e controle de registros profissionais de diversas categorias: jornalistas, arquitetos, sociólogos, publicitários e economistas, entre outras. No entanto, esta mesma lei não define quem passaria a cuidar dos registros profissionais destas atividades e sequer esclarece se o registro permanece como condição necessária para se trabalhar nestas áreas. Assim, coloca-se em cheque a exigência de diploma para as profissões atingidas pelo projeto — já que, burocraticamente, o diploma serve para se obter o registro profissional.

Entre os jornalistas a discussão sobre a necessidade ou não do diploma não é uma novidade. Desde a constituinte, que decidiu pela obrigatoriedade do diploma, os debates sobre esta questão são bastante polêmicos. Também não é novidade a posição da Federação Nacional dos Jornalistas, Fenaj, de defesa à exigência do curso superior para a prática da profissão. Exatamente por isso, quando

a imprensa divulgou a existência do projeto de lei, Armando Rolemberg, presidente da Fenaj, cancelou os compromissos que tinha fora de Brasília e permaneceu na capital para tomar pé da situação e se preparar para discutir o assunto com os ocupantes do Palácio do Planalto.

Ordem ou Conselho? - Curiosamente, o fim da gerência governamental no registro profissional dos jornalistas é uma reivindicação antiga da Fenaj. Porém, a reivindicação se completa com a transferência desta responsabilidade para o sindicato, e foi exatamente esta a proposta de conciliação que Armando Rolemberg apresentou ao ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri. Caso o governo não esteja disposto a entregar aos sindicatos o controle dos registros, a Fenaj sugere outra alternativa: a formação, num prazo de 180 dias, de uma Ordem ou Conselho dos Jornalistas do Brasil, que passaria a cuidar dos registros profissionais da categoria.

Para Rolemberg, o ministro do Trabalho se mostrou bastante receptivo aos seus argumentos e garantiu que nenhuma lei que acabe com a exigência do diploma para os jornalistas será elaborada sem que se inicie um diálogo com as categorias envolvidas. Mas é bom lembrar que Magri não é exatamente o nome mais forte na corte **colorida**. E, além disto, no projeto de lei não se mencionou o fim do diploma para os jornalistas, simplesmente não está escrito que ele é necessário. Um mero jogo de pala-

bras, mas que, como enfatiza Rolemberg, "criaria um vácuo na legislação que só beneficiaria as empresas de comunicação.

Assim, como seguro morreu de velho, o presidente da Fenaj resolveu expor suas idéias para outros membros do governo. Na terça-feira, 23, Rolemberg falou diretamente com o secretário da Comissão de Desregulamentação, Carlos Garcia, e depois colocou o problema ao novo ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, que subiu ao ministério carregado por sua fama de bom negociador. No mesmo dia, Rolemberg teve uma audiência com o presidente interino Itamar Franco na qual expôs a questão e de quem procurou extrair uma promessa de que o projeto não seria baixado como medida provisória.

Além dos contatos com o governo, a Federação Nacional dos Jornalistas está articulando junto aos sindicatos dos economistas, arquitetos e demais profissões incluídas no projeto de lei, um trabalho conjunto de resistência. Na quinta-feira, 25, estava prevista a realização de uma reunião para decidir como será esta atuação em bloco.

Até o final da semana se espera que o governo dê uma resposta mais concreta quanto às propostas feitas pela Fenaj. Resta saber se esta esperada resposta será uma aceitação das sugestões feitas, uma contraproposta, ou simplesmente mais uma das nefastas medidas provisórias do governo Collor.

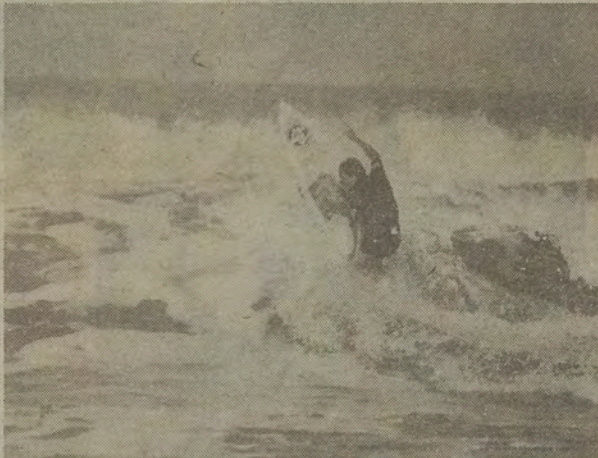
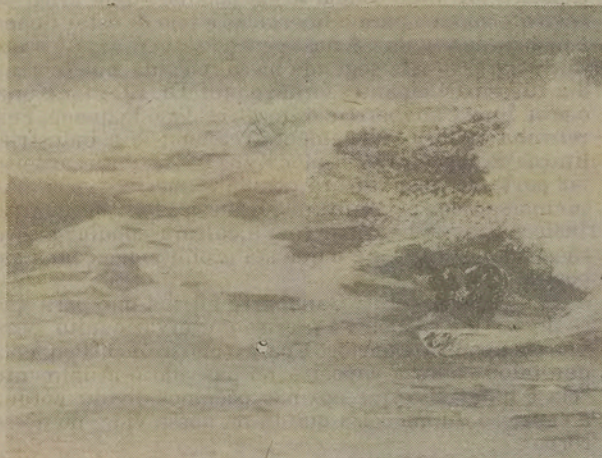


FOTO
SURF

Fotos: Lauro Maeda Zero

Seqüência de movimentos de Caxote: um **botton-turn**, uma batida de **front-side** (acima) e a saída da batida. Uau



Flávio "Teco" Padaratz conquistou o segundo lugar na última etapa do circuito mundial, disputada domingo passado na Barra da Tijuca, Rio. Com isto, Teco é agora o 27º no **ranking** da ASP e pode se tornar um **back-fourteen** para 91.